

Soneto para uma vida única

*Deivison Souza Cruz*¹

Matou o amor em si, profundamente
E não restando sequer uma semente
Crescendo ao sol e à lua, inclemente
Morreu depois o amor, lentamente.

Então o tempo passou sem esperança
Sem que houvesse som ou uma dança
Mas sem par presente em toda parte
Em desarranjo tal como se fosse arte

Vida em ritmo astronômico e solstício
Fragmentos de virtude em cada vício
Segue o fim tal como se fosse o início

Vive-se apenas uma vez, para sempre
E o amor resiste e luta, às duras penas
Se se sentires amado, sem cantilenas.

¹ Cientista Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Escreve eventualmente poemas e os publica no blog "Poemas que não Foram para o Lixo" (<http://deivisonsouzacruz.blogspot.com.br/>). Inspira-se nos ritmos, formas e rimas clássicas. Os poemas abrangem temáticas como o amor, a vida, o lúdico e temas sociais. O "eu poético" é o próprio autor.